



O CAMINHO DA AUTORIA: METODOLOGIA PARTICIPATIVA E PROTAGONISMO INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DE UMA CARTILHA COM CRIANÇAS INDÍGENAS EM ALAGOAS

AMORIM, Anidayê Angelo¹
SANTOS, Annikele Monteiro da Silva²
SILVA, Wendly Gama da³

Grupo de Trabalho (GT): GT2 - Infâncias, Juventudes e Processos Educativos.

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato sobre um projeto de pesquisa-extensão com metodologia participativa para a construção de uma cartilha pedagógica com crianças indígenas Xukuru-Kariri, na Aldeia Mata da Cafurna, em Alagoas. O objetivo foi analisar uma prática dialógica para o fortalecimento da identidade cultural, a produção de memória e a valorização do saber ancestral, tendo as crianças como protagonistas. A ação foi desenvolvida com estudantes do segundo ano do ensino fundamental, por meio de oficinas realizadas em diferentes espaços da comunidade. A fundamentação teórica baseou-se em referenciais como a Aprendizagem Significativa de Ausubel e a crítica à educação bancária de Freire, orientando uma prática de pesquisa-ação comprometida com a escuta e a colaboração. Os resultados apontam para o intenso engajamento das crianças, assumindo papel ativo como autoras, validando-se como sujeitos produtores e transmissores de cultura, culminando na criação da primeira cartilha de apoio pedagógico com autoria de crianças indígenas no estado.

Palavras-chave: Metodologia Participativa. Protagonismo Infantil. Crianças Indígenas. Educação Escolar Indígena. Xukuru-Kariri.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relato que emerge de um projeto de pesquisa-extensão desenvolvido junto a crianças do povo Xukuru-Kariri, na Aldeia Mata da Cafurna em Palmeira dos Índios, Alagoas. Discute-se o potencial de metodologias participativas para o fortalecimento da identidade étnica, produção de memória e valorização dos saberes ancestrais na infância indígena. A iniciativa que fundamenta esta discussão é o projeto de extensão "O olhar de crianças indígenas no agreste alagoano", uma articulação do Laboratório de Pesquisa e Extensão em Psicologia Escolar Educacional do Semiárido Alagoano (LAPES) e seu subgrupo, o Grupo de Leitura em Estudos da Infância (GLEI), ambos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Unidade Educacional Palmeira dos Índios. Em diálogo com as epistemologias do Sul (Santos,

¹ Universidade Federal de Alagoas - Campus Arapiraca, Unidade Educacional Palmeira dos Índios. anidayeangelo@gmail.com.

² Universidade Federal de Alagoas - Campus Arapiraca, Unidade Educacional Palmeira dos Índios. annikele21@gmail.com.

³ Universidade Federal de Alagoas - Campus Arapiraca, Unidade Educacional Palmeira dos Índios. wendly.silva@arapiraca.ufal.br.





2008), a psicologia é convocada a repensar suas práticas, afastando-se de modelos extrativistas para abraçar uma perspectiva dialógica e colaborativa. É nesse horizonte que a extensão universitária se revela um campo para a construção de uma práxis que, como aponta Paulo Freire (2014), transforma a realidade a partir da ação concreta, construída com a comunidade. O projeto focou nas crianças como protagonistas, materializando-se na elaboração conjunta de uma cartilha pedagógica. Este produto resultou de um processo de escuta e criação, mediado por oficinas que registraram as narrativas e vivências (Spink, Menegon, Medrado, 2014).

O campo desta experiência, a Aldeia Mata da Cafurna, é um território com profunda história de resistência. A comunidade possui um processo emblemático de retomada de suas terras, iniciado em 1979 sob a liderança do Pajé Antônio Celestino (Peixoto, 2013; Rocha, 2019). A legitimidade da ocupação ancestral é corroborada por memórias, pela toponímia do lugar e por achados arqueológicos (Estevão, 1942; Dória, 2008). É nesse cenário que se insere a Escola Estadual Indígena Mata da Cafurna, parceira fundamental do projeto e símbolo da autonomia do povo. As atividades foram desenvolvidas em 2024 com treze crianças do segundo ano do ensino fundamental, com apoio da gestão participativa da escola e de associação indígena local.

A metodologia participativa permitiu que as crianças expressassem suas ricas visões de mundo. O processo de criação da cartilha contribuiu para o fortalecimento da cultura Xukuru-Kariri, posicionando-as como produtoras de conhecimento, transformando narrativas orais em registro duradouro e valorizando o saber ancestral. Destaca-se o caráter pioneiro desta iniciativa, que resultou na primeira cartilha co-construída e com autoria de crianças indígenas em Alagoas, um marco para a educação escolar indígena e para uma práxis da psicologia escolar comprometida com o protagonismo infantil.

O objetivo geral do projeto foi analisar o processo de alfabetização e ensino infantil utilizando-se como metodologia participativa a criação de uma cartilha indígena tendo como protagonistas as crianças da comunidade indígena Xukuru-Kariri. Além disso, os objetivos específicos são apresentar as potencialidades das crianças em processos de pesquisa participativa; discutir a prática extensionista contextualizada para a cultura indígena local e, por fim, Identificar como foram promovidos os diálogos intergeracionais para a transmissão do conhecimento.





FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação, como forma de passagem cultural, é fundamental na transmissão de costumes e na contextualização dos sujeitos no mundo. Para povos originários, marcados por um histórico de apagamento, pensar em processos de ensino que efetivamente transmitam sua cultura é central. Diante deste cenário, é preciso evitar um modelo de ensino unilateral, desconectado da realidade dos participantes. A crítica à "Educação Bancária" (Brighente; Mesquida, 2016), ligada a Freire, denuncia um processo educativo que trata o sujeito que aprende como um ser vazio, a ser preenchido externamente, ignorando seus saberes e sua capacidade crítica.

Como contraponto, a Aprendizagem Significativa de David Ausubel guiou este trabalho. Tal perspectiva busca uma prática educativa na qual os participantes se vejam naquilo que aprendem, dando um significado pessoal ao que desempenham. A aprendizagem deixa de ser apenas cognitiva e passa a ser existencial, pois considera que as informações prévias do sujeito fazem parte de seu arcabouço cultural e de sua vivência em comunidade (Agra et al, 2019). Sem esses fatores, a prática torna-se mecânica e reprodutivista.

Essa reflexão se estende ao modelo de extensão universitária, que também corre o risco de ser mecânica ou "parasitária", como aponta Coelho (2014), como também a pesquisa, quando apenas extrai conhecimentos da comunidade sem uma devolutiva significativa. O fazer da universidade com comunidades tradicionais deve ser uma via de mão dupla, buscando a junção das práticas acadêmicas com as comunidades para gerar impacto real. Assim, adotou-se um modelo participativo de ação, entendido como um conjunto de procedimentos que interligam os sujeitos envolvidos (internos e externos à universidade) para alcançar objetivos comuns (Bedin, 2012), produzindo novos conhecimentos a partir desse contato. Desta forma, a prática buscou superar modelos engessados, impulsionando as potencialidades dos participantes para materializar suas vivências e inspirar protagonismo.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS





Este relato emerge da vivência prática de discentes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) na Aldeia Mata da Cafurna, ao longo de 2024. Adotou-se a metodologia participativa, que se fundamenta no diálogo e na produção coletiva do conhecimento, reconhecendo a importância do protagonismo infantil no processo (Soares, Sarmiento & Tomás, 2005). A experiência foi vivenciada com 13 crianças do segundo ano do ensino fundamental da Escola Estadual Indígena Mata da Cafurna.

Foram realizadas nove oficinas com temas como a natureza no cotidiano, identificação de plantas e conhecimento ancestral, utilizando materiais diversos para atividades lúdicas e escritas, como tintas, folhas A4, pincéis, cartolinas, garrafas pet, lápis de colorir, etc.

As oficinas foram pensadas para favorecer o protagonismo infantil, desde a escolha dos espaços até a execução das tarefas. Para contemplar as discussões intergeracionais e os contextos de vivência das crianças, as atividades ocorreram em diferentes ambientes e com apoio de duas idosas e das professoras da escola: no Espaço Magia da Terra, na sala de aula e na casa de uma anciã da aldeia, notando-se maior engajamento infantil fora do ambiente escolar formal.

As decisões éticas e metodológicas foram tomadas com base na escuta ativa das lideranças indígenas, que inicialmente demandaram ajuda da universidade para incidir na escolarização das crianças e convidaram os responsáveis, traçando-se conjuntamente conosco o objetivo de construir a cartilha. Todo o processo foi registrado com fotos e relatórios de campo. As oficinas eram conduzidas pela equipe da universidade e pela liderança local.

RESULTADOS

Adotar posturas que posicionam a criança como protagonista, abandonando práticas adultocêntricas, é fundamental para uma troca mútua (Prado, 2014). Desta forma, foi possível não apenas ouvir as crianças, mas reconhecer seu efetivo lugar de fala, cuja autonomia se estendeu para além dos temas culturais, alcançando assuntos do cotidiano. O vínculo sensível estabelecido entre equipe universitária e a comunidade favoreceu o seu engajamento nas atividades, resultando em um processo metodológico significativo.





Ao final, a elaboração da cartilha privilegiando as vozes e produções das crianças as reconhece como portadoras de saberes válidos para a preservação cultural, fortalecendo seu senso de pertencimento à cultura. Seus conhecimentos foram acolhidos, valorizados e transformados em uma produção escrita concreta, a cartilha intitulada "Diálogos Intergeracionais Xukuru-Kariri".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de desenvolver este projeto de extensão junto às crianças Xukuru-Kariri transcende os objetivos inicialmente traçados, consolidando-se na construção de pontes afetivas e epistemológicas que reafirmam o compromisso da Psicologia com uma prática ética e decolonial. A vivência demonstrou que a metodologia participativa, mais do que uma escolha técnica, é uma postura política que reconhece e potencializa a agência dos sujeitos. Na prática, o percurso estabeleceu um diálogo fértil com os referenciais teóricos, refutando o modelo de "Educação Bancária" e materializando a "Aprendizagem Significativa" de Ausubel. O conhecimento tornou-se significativo porque partiu da realidade existencial das crianças, resultando em uma elaboração autoral e viva, e não em mera reprodução.

A conexão entre as escolhas metodológicas e o engajamento infantil revelou-se um achado central. A realização de oficinas em múltiplos espaços, especialmente fora do ambiente escolar formal, como no Espaço Magia da Terra e na casa de uma anciã, foi fundamental para promover uma interação horizontal, alinhada a uma pesquisa que preza pelo protagonismo infantil. Tal abordagem levou à principal conclusão deste trabalho: a reafirmação da criança como sujeito de cultura e potente agente de sua transmissão.

Por fim, essa vivência foi profundamente formativa para a equipe de graduandas, que puderam vivenciar um modelo de projeto não "parasitário", baseado na troca mútua, na escuta sensível e no vínculo, processo que culminou na potente atividade de devolutiva com a comunidade. Este projeto demonstrou ser possível e urgente aliar o conhecimento acadêmico ao fortalecimento comunitário. A cartilha, pioneira em Alagoas, é a prova material de que, quando a universidade se dispõe a ouvir e caminhar junto, os saberes florescem e se transformam. Deixa-se, assim, um convite para que novas





práticas se inspirem neste modelo dialógico, reconhecendo sempre a potente e criativa voz das crianças indígenas.

REFERÊNCIAS

AGRA, G. *et al.*. Analysis of the concept of Meaningful Learning in light of the Ausubel's Theory. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, n. 1, p. 248–255, jan. 2019.

BEDIM, Juçara Gonçalves Lima. **Metodologias Participativas na Extensão Universitária**: instrumento de transformação social. *Revista agenda social*, v. 6, n. 1, 2012.

BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. **Paulo Freire**: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. *Pro-Posições*, v. 27, n. 1, p. 155-177, 2016.

COELHO, Geraldo Ceni. **O papel pedagógico da extensão universitária**. *Revista Em Extensão*, v. 13, n. 2, p. 11-24, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/26682/16074>>. Acesso em: 16 jul. 2025.

PRADO, Renata Lopes Costa. **A participação de crianças em pesquisas brasileiras das ciências sociais e humanas**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

DÓRIA, Siglia Zambrotti. **Resumo do relatório de identificação e delimitação da terra indígena xucuru-kariri**. *Diário Oficial da União*, 20 de outubro de 2008, sec.1 p. 43-49.

ESTEVÃO, Carlos. **O ossuário da "gruta-do-padre" em itaparica e algumas notícias sobre remanescentes indígenas do nordeste**. *Boletim do Museu Nacional XIV-XVII (1938-1941)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942. p. 151-184.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Editora Paz e terra, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 80, p. 5-10, 2008.

PEIXOTO, José Adelson L. **Memórias e imagens em confronto**: os Xucuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá. João Pessoa, 2013.

ROCHA, Marcondes Silva da. **Mata da cafurna, povo e aldeamento: um olhar contemporâneo**. UNEAL, Palmeira dos Índios, 2019.





SOARES, Natália Fernandes; SARMENTO, Manuel Jacinto e TOMÁS, Catarina Almeida. **Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças.** Nuances: Estudos sobre Educação UNESP – Presidente Prudente, vol. 12, nº 13, p. 49-64, jan./dez. 2005. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1822/36752>>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff; MEDRADO, Benedito. **Oficinas como estratégia de pesquisa:** articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. Psicologia & Sociedade, v. 26, p. 32-43, 2014.

